Revista da ANPEGE. v. 17. nº. 33, p. 6-7, ANO 2021. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege.

Editorial

María Franco García - Editora REVANPEGE

Dedicamos este número a todas e todos os participantes do XIV ENANPEGE,
pelas discussões travadas e as motivações renovadas

As revistas científicas não são os únicos veículos de divulgação científica, porém, ocupam um lugar privilegiado na publicação de resultados de pesquisa e na sua socialização, principalmente, entre a comunidade científica. Contudo, no campo da Geografia, as revistas tem cumprido diversas funções. Como destaca Zurman (2021) a revista *Annales de Geographie* assentou a projeto da Geografia Humana vidaliana, assim como a revista *Geocrítica* surgiu em 1980 como manifestação do pensamento geográfico crítico na Espanha. No Brasil, o primeiro número do *Boletim Paulista de Geografia* foi publicado em 1949 pela Seção São Paulo da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB-SP). Essa publicação contribuiu com a circulação e desenvolvimento do pensamento da associação sobre o território brasileiro. Os seus textos compunham a emenda dos cursos de formação de professores na universidades e secretarias de ensino, mostrando a vitalidade dessa ciência no país. Sem dúvida, todas elas, além de difundir pesquisas e ideias, foram de vital importância para o desenvolvimento do pensamento geográfico e o seu reconhecimento diante das comunidades científicas nacionais. Naquele momento, o impacto não foi um "fator" senão, a consolidação de saberes-fazer geográficos.

Na atualidade, as revistas científicas, assim como as trajetórias de pesquisadoras e pesquisadores, são validadas e hierarquizadas por meio de métricas que contabilizam, por exemplo, as citações recebidas: o conhecido "fator de impacto".

A pesquisa no Brasil acontece quase na sua totalidade na Pós-Graduação vinculada às universidades públicas. No decorrer do ano pandêmico de 2020 e no caminhar do ano de 2021, as condições institucionais e infraestruturais convulsionaram no Brasil e assim também a sua Pós-Graduação.

Em setembro de 2021, a ANPEGE organizou o Fórum dos Editores/as onde, editores e editorasdas revistas de Geografia dos programas de Pós-Graduação vinculados à Associação, debateram a conjuntura atual da pesquisa e os trabalhos de edição e divulgação científica no Brasil, especialmente no contexto pandêmico.

A crise sanitária e política que o Brasil está atravessando reflete, diretamente, na instabilidade administrativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão do Ministério da Educação no país que avalia a Pós-Graduação. Essa instabilidade afetou, como não poderia ser de outra forma, a sua ferramenta de avaliação dos Programas de Pós-Graduação, o conhecido Qualis/CAPES.

O Qualis/periódicos, este instrumento responsável pela avaliação da produção científica dos Programas, também vivenciou uma dinâmica, no mínimo, polêmica. Algumas datas e fatos importantes na trajetória recente da discussão nacional do Qualis, de forma muito resumida, foram: 1º - Desde o ano 2017 o clima no Brasil foi de uma indefinição permanente das regras de avaliação dos periódicos científicos, em função da própria indeterminação do Qualis/CAPES; 2º - Em 2018/19 a CAPES apresentou um novo sistema de avaliação de periódicos no que foi denominado como o Seminário de Meio Termo, no que se estabelecia uma nova classificação, e que foi conhecido entre os bastidores como o "Novo Qualis". Nessa dinâmica as novidades foram: a) *Classificação única:* Cada periódico recebe apenas uma classificação, independentemente da quantidade de áreas de avaliação em que foi citado; b) *Classificação por áreas mães:* Os periódicos são classificados em áreas-mães, isto é, são agrupados e colocados na área em que tiveram maior número de publicações durante o período de avaliação, hoje a cada 4 anos; c) *Indicadores bibliométricos:* O "novo qualis" inseriu o um novo modelo matemático que leva em consideração 3 indicadores: o Cite Score, o Fator de Impacto e o índice h5. Eles, basicamente se referem ao número de citações recebidas pelos periódicos nas seguintes bases de indexação: Scopus (CiteScore), e Google Scholar (índice h5). O Qualis/Periódicos está dividido em oito extratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

No dia 10 de setembro de 2021, foi publicada a Portaria 145/2021 da CAPES, que consolida as disposições sobre o Qualis/Periódicos, entre elas o Art. 12 que establece: "A estratificação far-se-á por meio de utilização de um dos seguintes agrupamentos de indicadores: I - QR1: uso do CiteScore, obtido a partir da base de dados Scopus, e da base de dados Journal of Citation Report (JCR), ou, subsidiariamente, dos índices h5 ou h10 gerados por meio da ferramenta de busca Google Metrics e; II - QR2: uso exclusivo dos índices h5 ou h10 gerados por meio da ferramenta de busca Google Metrics.

Dentre as preocupações que essa portaria suscita, uma delas, é a imposição da necessidade de indexação da produção científica nacional em bases comerciais internacionais. A consolidação desses indicadores como eixos fundamentais da avaliação de dos pesquisadores e pesquisadoras e suas instituições condicionam, ao mesmo tempo, o financiamento à pesquisa.

Na contramão desse processo, no ano de 2020, criou-se na cidade de México o Foro Latinoamericano de Evaluación Científica (FOLEC) da CLACSO com o desafio de construir coletivamente uma declaração regional entorno da avaliação científica, como uma forma de enfrentamento às imposições do "novo Qualis", tais como: 1º) a uniformidade dos índices bibliométricos gerada pela globalização acadêmica; 2º) a tendencia quantitativa dessa forma avaliação global que supervaloriza a publicação de *papers,* com hegemonia dos escritos em língua inglesa e; 3º) a primazia da pesquisa por cima de qualquer a outra das atividades acadêmicas.

Diante desse cenário, o FOLEC propõe a elaboração de novos indicadores que reunam as prioridades das "agencias locais" e a diversidade do conhecimento regional, como parte do Sul global, gerando assim outro tipo de mecanismos mais próximos com as práticas acadêmicas Latinoamericanas. O objetivo não é pequeno, trata-se em última instância de transformar a avaliação acadêmica na região, a partir da rede que articula, a CLACSO.

Lançar mais um número da REVANPEGE obrigatoriamente nos coloca a pensar o quê, como e para quem publicamos. Sem dúvida, o conjunto de trabalhos que compõem este número são resultados do engajamento e compromisso da Pós-Graduação em Geografia no Brasil, através das autoras e autores que assinam os artigos.

Também, conseguimos tornar públicos os trabalhos pela dedicação e qualidade do trabalho dos avaliadores e avaliadoras que fazem da REVANPEGE uma possibilidade de divulgação da ciencia no Brasil. E, finalmente, lançamos um novo número graças ao trabalho e dedicação do conjunto de editores e editoras que acreditam e apoiam este projeto de difusão do conhecimento geográfico no Brasil.

O que justifica deixar de considerar cada um desses trabalhos quando apenas um índice quantitativo exógeno e distante "impõe" a sua leitura da qualidade científica? O debate sobre a necessidade de métricas contextualizadas e ciência aberta está lançado.

Desfrutem mais uma vez dos esforços coletivos feitos por todos e todas nós, para chegar até aqui. Especialmente, as tarefas como editores da Seção "Geografia e Natureza" assumidas por André Luiz Silva Correio e Gustavo Barrantes Castillo Correio.

Boas leituras!

María Franco García
Joao Pessoa, 14 de outubro de 2021